

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 3) Jan. 2019

TECNOLOGIA, PATRIMÓNIO E COMUNIDADE

em Salvaterra
de Magos

**A actividade
metalúrgica e a olaria
de Sines romana**

**A emergência de uma
Arqueologia Contemporânea
em Portugal**

**Artes do couro no
medievo peninsular**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Caldeira e ciclones para produzir ar aquecido, depois conduzido aos secadores da Fábrica de Descasque de Arroz da Casa de Cadaval, em Salvaterra de Magos.

Foto © Leonor A. P. de Medeiros.



II Série, n.º 22, tomo 3, Janeiro 2019

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio
Pereira, Cova da Piedade,
2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Parceria | ArqueoHoje - Conservação
e Restauro do Património
Monumental, Ld.^a

Apoio | Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia
de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de
Almada (sede): Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos
Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Fernanda
Lourenço e Sónia Tchissolle

Colaboram neste número |

Suely Amâncio-Martinelli, Telmo
António, Ana C. Araújo, Thierry
Aubry, Renata F. Barbosa, Luísa
Batalha, Carlos Boavida, Guilherme
Cardoso, André Carneiro, António R.

Carvalho, Vânia Carvalho, Tânia M.
Casimiro, Ana M. Costa, Fernando
Costa, Francisco Curate, Luca A.
Dimuccio, Ana Luísa Duarte, Vitor
Durão, José d'Encarnação, Lídia
Fernandes, Carlos Galhano, Cristina
Gameiro, Jesús García Sánchez,
Carolina Grilo, Rogier A. A. Kalkers,
Sebastião L. de Lima Filho, Virgílio
Lopes, Joana S. Macedo, João Marques,
Jorge A. M. Marques, Teresa Marques,
Henrique Matias, Leonor A. P. de
Medeiros, Henrique Mendes, Paulo C.
F. Monteiro, Nuno Neto, Rui Oliveira,

Luiz Oosterbeek, Franklin Pereira,
Paula A. Pereira, João Pimenta,
Albérico N. de Queiroz, Jorge Raposo,
Paulo Rebelo, Marco A. Rocha,
André T. Santos, Dario Seglie, João L.
Sequeira, Miguel Serra, João Luís
Sequeira, Vítor R. C. de Sousa,
Tesse D. Stek e Chia-Chin Wu.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade dos
autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

A *Al-Madan Online* abre este novo tomo com uma reflexão acerca da investigação e da comunicação científica, da margem de incerteza que as caracteriza e da tolerância com que devem ser encaradas pois, frequentemente, mesmo quando se identificam as questões correctas, o tempo mostra que nem sempre se obtêm e partilham as respostas mais adequadas.

Tendo presente essa contingência, é de divulgação científica que tratam as páginas seguintes, com realce para sítios e contextos de Época Romana em Sines, em Cascais e no Alto Alentejo, nomeadamente no Município de Fronteira. Mas dá-se igual atenção ao impacto da Arqueologia preventiva na identificação de ocupações humanas do Paleolítico Superior em todo o país, e ainda, noutro âmbito cronológico, aos trabalhos arqueológicos realizados numa fábrica de descasque de arroz instalada em Salvaterra de Magos na segunda metade do século XX. A Arqueologia brasileira volta a marcar presença, agora com as ameaças à arte rupestre do Nordeste do Estado da Bahia, e há também espaço renovado para as arqueociências, neste caso através de uma proposta metodológica para a identificação de tubérculos secos, cozidos ou calcinados.

A premente definição disciplinar de uma Arqueologia Contemporânea em Portugal é defendida em artigo de opinião, a que se segue estudo que apresenta a Análise Urbana como domínio da Arquitectura que integra conhecimentos da História e da Arqueologia, entre outros.

Ao Património móvel e imóvel são dedicados textos sobre a conservação e restauro da fachada do edifício sede da colectividade mais antiga de Tomar, que assinalam a identificação e incorporação em museu de um azulejo valenciano dos séculos XV-XVI aplicado em imóvel de Sintra, e que tomam exemplares de aljavas provenientes do Sultanato de Granada (1238-1492) como ponto de partida para a abordagem mais geral das artes do couro na Península Ibérica durante a Idade Média.

Há ainda diferentes contributos para a História Local de Alcácer do Sal e de Almada, fruto da análise de conjuntos documentais dos séculos XVI a XVIII, bem como diversificado noticiário de natureza arqueológica, incluindo resultados de escavações, de projectos museológicos, de acções de Educação Patrimonial, etc.

Livros e revistas recentemente publicados também merecem comentário ou destaque e, nas páginas finais, encontram-se breves relatos de um número significativo de eventos científicos realizados em Portugal e no estrangeiro, com temáticas muito diversificadas, cuja partilha é útil para a comunidade científica portuguesa e para outros interessados. A fechar, agendam-se eventos do mesmo tipo já divulgados para os próximos meses. Enfim... muitas e boas razões para agradáveis momentos de leitura.

Jorge Raposo

Da Tolerância Científica

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Perdoar-se-me-á a ousadia desta reflexão acerca da tolerância aplicada à transmissão dos conhecimentos científicos. Quando, a 12 de Julho de 2000, por ocasião da entrega do volume da revista *Biblos* (da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) preparado em sua homenagem, a Doutora Maria Helena da Rocha Pereira declarou, no discurso de agradecimento, que, em termos de investigação em todas as áreas mas também na das Ciências Sociais e Humanas, em que foi luminar, “*a dúvida pode ser mais científica do que a certeza*”. E acrescentou: “*A aula é sempre – ou deve ser! – uma recriação; mas nunca o poderá ser sem a colaboração dos alunos!*”. Apesar das novas tecnologias, o contacto humano, o “*olhos nos olhos*” será sempre imprescindível. No domínio da Epigrafia, basta uma iluminação diferente ou uma técnica inovadora para se lograr obter leitura mais rigorosa; basta que se derrube uma parede e surja a epígrafe que se julgara perdida. Erraram, devem ser crucificados os que doutra forma interpretaram o que lá estava escrito? Sim, poderão ter errado, mas – para além de poder vir ao caso o conhecido prolóquio *Errare humanum est*¹ – outro conceito há que me habituei a ouvir desde a juventude: *errando discitur, “é a errar que se aprende!”*. Não será, de resto, inocente o facto de Federico Gallo e Antonio Sartori terem programado para Setembro de 2018, em Milão, as *Terze Giornate Epigrafiche* subordinadas ao tema “*L’errore in epigrafia*”, a que noutra lugar se aludirá! [ver, nesta edição, p. 200] O que ora está, pois, em causa, porém, não é o erro em si e o reconhecimento da sua importância para o avanço da investigação: é o modo como se verbera esse erro, nomeadamente se se usa o sarcasmo ou a ironia, opções claramente anti-científicas. António Manuel S. P. Silva, arqueólogo municipal no Porto e um dos grandes dinamizadores da Associação Profissional de Arqueólogos (APA), proferiu, a 8 de Novembro de 2018,

¹ Inspirado, mui possivelmente, na frase de Cícero (*Filípicas* 12, 2, 5), “*Cuiusvis hominis est errare, nullius nisi insipientis perseverare in errore*” (“É próprio de todo o homem errar; mas só o insensato é que persevera no erro”).

“O que ora está em causa não é o erro em si e o reconhecimento da sua importância para o avanço da investigação: é o modo como se verbera esse erro, nomeadamente se se usa o sarcasmo ou a ironia, opções claramente anti-científicas.”

no Museu Arqueológico do Carmo, no âmbito da sessão da Comissão de Arqueologia Profissional (Associação dos Arqueólogos Portugueses), uma conferência a que deu o título de “Deontologia Profissional, Associativismo, Investigação e Gestão do Património – Que Arqueologia neste Século XXI?”. De tudo o que brilhantemente expôs, recorto o 1.º ponto do que, no *Código Deontológico da APA*, se preconiza em relação ao confronto entre os arqueólogos e os seus pares: “*Manter elevados padrões de cortesia e respeito profissional*”. Já tive oportunidade de contar² o que me aconteceu em relação a uma cupa proveniente de Santa Margarida do Sado³. Procurei-a cuidadosamente no acervo do Museu Nacional de Arqueologia, pois José Leite de Vasconcelos escrevera peremptoriamente: “*Esta lápide veio depois para o Museu Etnológico*”⁴.

² ENCARNÇÃO, José d’ (2008) – “Leite de Vasconcelos e as Inscrições Romanas – flagrantes de um quotidiano vivido”. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 26: 388-390.

³ ENCARNÇÃO, José d’ (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis (=IRCP)*. Coimbra: Faculdade de Letras – Instituto de Arqueologia. Inscrição n.º 332.

⁴ VASCONCELOS, José Leite de (1914) – “Excursão Arqueológica à Extremadura Transtaganá”. *O Archeologo Portuguez*. 19: 313.

Dúvida e Saber



ILUSTRAÇÃO: José Luís Madeira, 2018. Colagem.

Debalde: a peça, incompreensivelmente, não se encontrava lá e até parecia impossível como uma cupa de consideráveis dimensões assim levava sumiço. Dispunha-me, pois, a dar essa informação, quando, ao passar por Santa Margarida do Sado, me lembrei de ir ver o local donde essa cupa teria saído. E... a cupa estava lá! Precisamente no sítio indicado, bem visível. Que acontecera? Cumprira-me, pois, e isso fiz, não criticar, mas sim explicar: as graúdas influências do venerado Mestre não haviam logrado vencer a vontade do Povo! E o monumento não saiu dali! Não poderá, contudo, dizer-se ter sido essa a atitude habitual de Leite de Vasconcelos, que, aparentemente, convivia mal com a crítica, numa altura, registre-se, em que as polémicas andavam na ordem do dia, tanto na Política como na Ciência. Recorde-se que, por exemplo, não se inibiu em mandar publicar um opúsculo de 24 páginas (!) a que deu o título de *Deuses da Lusitânia: respostas às fantasias de um censor* (Lisboa, Clássica Editora, 1913), expressamente para verberar, sem tir-te nem guar-te, G. L. Santos Ferreira, que ousara censurar as suas opiniões!

A pedra de *Trophime*⁵ está hoje no Museu Municipal de Loulé. Identificou-a e recolheu-a, em 1978, a Comissão de Arqueologia,

por intermédio do Padre João Cabanita, que, sabendo pelos livros da existência da pedra, decidiu ir até lá e... deparou com ela, no sítio onde sempre estivera: em Torre de Apra, a servir de capitel à coluna de uma casa velha! Quisera Hübner saber dela, em meados do século XIX; procurou-a Estácio da Veiga. Debalde. "*Frustra quaesivit Veiga*", escreve o epigrafista alemão. Vamos, por isso, criticar Estácio da Veiga? Ele nunca se pusera a questão! E Torre d'Apra é tão grande!... Depois, quem é que haveria de pensar, agora, ser a pedra do museu aquela que mais de um século andara perdida sem o estar? É.

⁵ ENCARNAÇÃO, José d' (2001-2002) – "A História de uma Escrava Romana". *Al'ulyã*. Loulé. 8: 23-33.

Fui à Herdade da Calada (Igrejinha, Arraiolos) para estudar a estela funerária que lá se encontrara (IRCP 416). Perguntei ao pastor, sentado à sombra, se dera notícia ali de

uma “pedra com letras aí do tempo dos Mouros”... Não, senhor, não dera! Num portal mais adiante é que havia uns números por cima da porta. De mais nada dera notícia. Não desanimei e, meses depois, em Abril de 1982, voltei ao monte da herdade, parei onde falara com o pastor e... não é que ele já não estava sentado em cima dela! Sim, critiquei-me a mim próprio pela falta de discernimento, falta de que, contudo, só me apercebi quando a pedra me disse que sempre estivera ali à minha espera!... Uma epígrafe identificada por volta de 1880 deu entrada, em 1935, no “museu” de um clube local, depois de ter sido fantasiosamente interpretada por aquele mesmo “censor” de Leite de Vasconcelos atrás citado. Mário Saa, em 1960, deu-a como “*guardada num pequeno museu*”. Quando, em 1982, houve oportunidade de voltar a estudar o monumento – feitas, em vão, diligências para saber da existência de um “museu” nessa localidade, até porque também em notícia da imprensa local se considerara, em 1930, perdido o rasto da pedra e nada mais se anotara – os autores do estudo não lograram saber do museu do clube; não puderam, por isso, confirmar o paradeiro; e fizeram votos de que a pedra reaparecesse, para que, com outros olhos agora, melhor leitura se apresentasse. Reapareceu, a um investigador de 1998. E os autores de 1982 tiveram direito a este comentário: os autores que a estudaram [fulano “*e outro*”] “*consideraram erradamente, que a inscrição andava perdida, pois não verificaram in loco a informação de Mário Saa que em 1960, indicava que ela se encontrava num pequeno museu da [...], onde a fomos efectivamente encontrar*”. E estoutro: “*E ela, a pedra, à espera deles, na [...]*...”. Ai, o malandro do pastor alentejano que estava sentado na pedra com letras e não sabia!... Quando se quer, facilmente se maltrata alguém. Neste caso, a frase do investigador de 1998 até poderia ser gramaticalmente escarpelizada, em termos de pontuação, de lógica expositiva e, até, do ponto de vista formal, porque só se utiliza a expressão *et alii*, quando há mais do que três autores e, aqui, o segundo foi remetido à categoria de... “*outro*”! A polémica sadia e cordata constitui um dos meios mais eficazes para se progredir no Saber. O grande tropear de cavalos na pradaria, pela poeirada que levanta, só pode trazer desnor-teio!... Não gostaria, porém, de concluir sem uma notícia que, porventura, pode levar a muitas críticas desse género, nomeadamente quando se não tem em conta a evolução dos métodos e o natural amadurecimento dos investigadores. O importante – há que não esquecer! – é pôr a questão, estar desperto para a levantar. Os referidos autores de 1982

“A grande diferença do Homem é justamente a capacidade de transmitir experiências, de aprender com os seus erros e os dos outros, de levantar questões. O habitual é quem as levanta ainda não ter as soluções que a outros, depois, surgem evidentes!”

estiveram despertos para a questão, mas não puderam resolvê-la; o autor de 1998 – haviam passado 16 anos e já se começara a encarar Mário Saa com outros olhos, que não os que dantes o viam qual visionário!... – pôs-se a questão, meteu-se a caminho e... encontrou a pedra! Foi feliz.

A notícia refere-se à fotografia de inscrições, uma questão que eu discutia com Joaquín Gómez-Pantoja, da Universidade de Alcalá de Henares. Respondeu-me, quando lhe falei da necessidade de alta resolução: “*La resolución es poco importante (tenemos bastantes de smartphone que han salido muy bien); pero sí es fundamental romper el paradigma de la fotografía epigráfica: nada de iluminación lateral, lo mejor es luz uniforme natural en días nublados o a mediodía si la luz es vertical; o la artificial si no hay sombras*” (e-mail de 6 de Novembro de 2018).

Fizeram história os manuais que doutro modo ditavam. É a vida! A grande diferença do Homem é justamente a capacidade de transmitir experiências, de aprender com os seus erros e os dos outros, de levantar questões. O habitual é quem as levanta ainda não ter as soluções que a outros, depois, surgem evidentes! Numa noite, andávamos quatro amigos numa fona, à procura das chaves do carro; até que alguém perguntou: “*Onde é que as costumam pôr?*” “*Aqui!*”, respondeu quem as perdera. As chaves estavam lá! 🐾

José d’Encarnação,
11 de Novembro de 2018

almada online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]